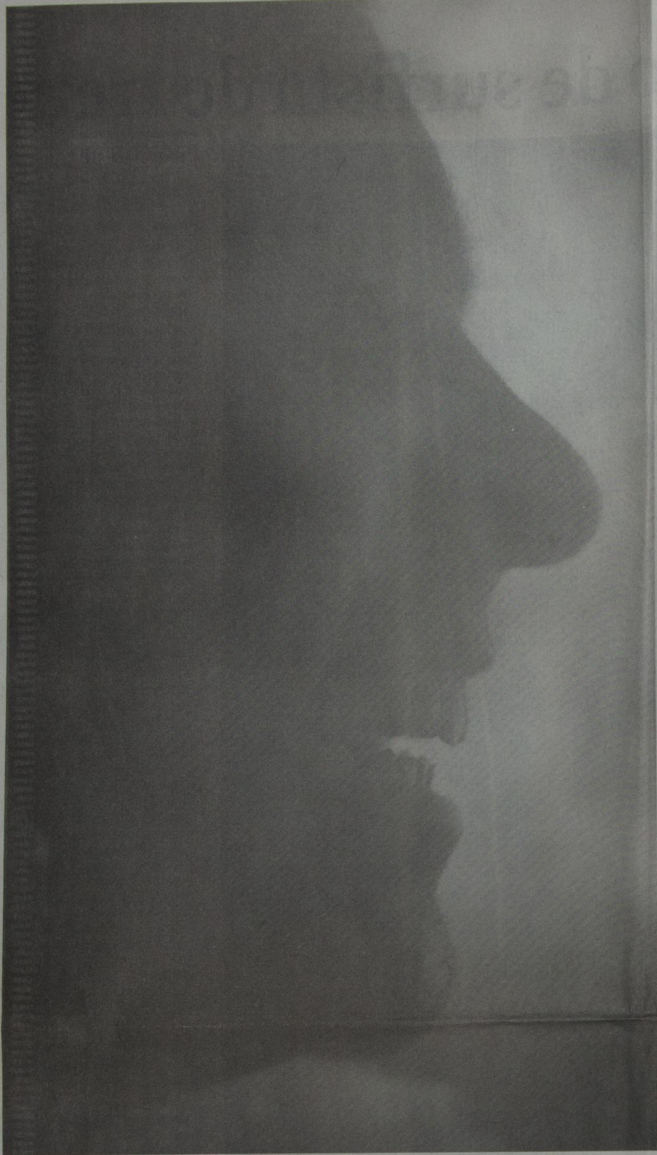


Fotos Luciana Nogueira



EPIDEMIA INVISÍVEL 2

# Doença pode afetar 20% de estudantes

do Conselho Editorial e

da Reportagem Local

Um em cada cinco alunos de escolas brasileiras pode estar com sintomas de depressão. A falta de tratamento afeta o rendimento escolar, dificulta a entrada no mercado de trabalho e joga o indivíduo na marginalidade e na violência.

A depressão está por trás não apenas de tentativas de suicídio, mas também de indisciplina crônica, abuso de drogas e álcool. Por falta de informação, professores, em vez de tratar o problema, punem os alunos pelo mau comportamento.

As indicações estão presentes em dois estudos inéditos obtidos pela Folha, envolvendo uma amostragem de 1.779 alunos, realizados em três escolas de São Paulo.

Psiquiatras de São Paulo estudaram por um ano o comportamento de 579 crianças de 7 a 12 anos, alunas da primeira à quarta série de duas escolas públicas da Grande São Paulo, em Mairiporã e Franco da Rocha.

Após aplicarem um questionário de 27 perguntas às crianças, constataram que 122 (20%) delas apresentavam sinais de depressão.

A psiquiatra Eliana Curatolo, autora da pesquisa, realizada em 96, está elaborando sua tese de mestrado sobre depressão na infância com os dados obtidos nas escolas.

Segundo a médica, tanto as crianças, bem como pais e professores, não percebem os sintomas

da depressão.

"O deprimido não percebe o que tem ou não sabe expressar o que sente. E o professor não tem informações para encaminhar o aluno para tratamento e, devido ao baixo rendimento, coloca a criança numa classe especial, por exemplo", explica Eliana.

O trabalho prova também a importância do diagnóstico precoce, já que a maioria das 50 crianças que evoluíram para tratamento foram curadas sem medicação. "A maioria foi tratada com terapia de grupo e ficou bem", afirma Eliana.

Segundo ela, os casos tratados não evoluíram para tentativas de suicídio.

Após receber o tratamento, um menino de 11 anos comemorou o dia em que saiu da classe especial (turma de alunos com aprendizado mais lento do que o normal).

"Ele dizia: 'Este é o melhor dia da minha vida'. Foi muito gratificante ouvir isso", lembra Eliana.

A menina M.C.K.F., na época com 8 anos, dizia que não tinha amigos, que era feia, tinha medo de tudo e tentou se matar pelo menos duas vezes — usando uma faca e atirando-se do alto de uma escada, minutos antes da consulta com a psiquiatra.

Após ser tratada com medicamentos, M. parou de brigar com a irmã mais nova, começou a fazer amizades e melhorou.

Eliana, a psiquiatra Soraia Canasiro, que realizou trabalho semelhante com adolescentes, em Franco da Rocha, e Sônia Frie-

drich, orientadora de ambas, acreditam que, se pesquisa semelhante fosse aplicada em todas as escolas, os números alcançados seriam semelhantes.

"Daí a importância de começar um trabalho de esclarecimento de pais, professores e pediatras, educando-os para o problema", afirma Eliana.

Projeto semelhante está sendo realizado pelo Departamento de Psiquiatria da Universidade de São Paulo.

Coordenada por Wagner Gattaz, chefe do departamento, a pesquisa escolheu uma escola pública com 1.200 alunos. A fase inicial já detectou graves distúrbios.

Dos entrevistados, 50% admitiram ter ingerido bebidas alcoólicas nos últimos 30 dias; 30% dos pesquisados usaram algum tipo de droga no mesmo período.

"É muito alto, considerando que falamos com crianças de 12 anos", analisa Wagner Gattaz.

Os primeiros dados levantam a suspeita de que o fenômeno não é restrito à escola e revela sintomas de depressão e ansiedade. "Drogas e bebidas são recursos utilizados para aliviar crises emocionais", sustenta Gattaz.

O trabalho prossegue, agora, no tratamento dos alunos e educação dos professores da escola. Em quatro anos, os pesquisadores vão fazer novo diagnóstico para avaliar como se alteraram o consumo de drogas e bebidas.

(GILBERTO DIMENSTEIN e MARCELO OLIVEIRA)

*"Eu me achava um monstro, só causava problema, era um estorvo para os meus pais. Os meus problemas pareciam uma bola de neve, não via perspectiva de sair daquilo."*

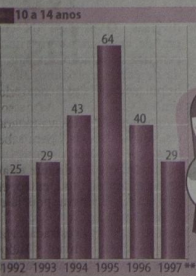
T.2: (foto acima), ao explicar como se sentia quando era deprimido, na época em que tentou o suicídio duas vezes

*"Quando dirigia pelas estradas vinha a vontade de me matar, de enfiar o carro, em alta velocidade, num poste. Via a morte como um alívio, pois tudo o que eu fazia parecia aborrecer os outros."*

L.H: (ao lado), ao lembrar de suas crises de depressão. Hoje, ela se considera recuperada, até gostaria de se identificar, mas teme o preconceito

Editoria de Arte/Folha Imagem

## Tentativas de suicídio entre crianças e adolescentes\*



**Maioria é de meninas**  
O total de meninas que tenta o suicídio é sempre superior ao de meninos. Na faixa dos 10 aos 14 anos, desde agosto de 91, o HC já registrou 192 tentativas praticadas por meninas, contra 39 de meninos. O número de tentativas entre mulheres é 392% maior. Segundo especialistas, é na puberdade que as mulheres começam a desenvolver a depressão.

**Tentativas crescem**  
O Sistema Nacional de Informações Tóxico-Farmacológicas (Sinitox) da Fundação Instituto Osvaldo Cruz (Fiocruz), no Rio de Janeiro, registra desde 1993 um aumento no número de tentativas de suicídio por uso de medicamentos e produtos tóxicos em todo o Brasil. Foram 7.965 casos em 93 contra 12.923 em 96.

**Intoxicação cresce**  
O Sinitox registrou em 96 6.501 casos de intoxicação (incluindo tentativas de suicídio) entre jovens de 15 a 19 anos. O número é 36,5% maior que os 4.762 registrados em 93, quando o órgão começou a fazer uma tabela nacional.

**Suicídio mirim**  
Em todo o ano de 97, o Centro de Controle de Intoxicações (CCI), do

Hospital Municipal do Jabaquara, em São Paulo, registrou cinco casos de tentativa de suicídio entre crianças de 5 a 9 anos. Somente em janeiro e fevereiro deste ano já foram registrados quatro casos.

**Mais nova tem 4 anos**  
Desde a abertura do CCI, em julho de 96, até dezembro de 97, o centro não havia registrado nenhuma tentativa de suicídio praticada por menor de cinco anos. Em janeiro deste ano, o CCI registrou o caso de uma menina de quatro anos que tentou se matar através da ingestão de produto tóxico.

**Busca por tratamento**  
O Instituto de Psiquiatria da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) registra um crescimento de 50% na procura do instituto por parte de crianças e adolescentes.

**Subnotificação**  
O psiquiatra Antonio Egídio Nardi, da UFRJ, estima que o número de suicídios no Brasil seja o dobro da taxa oficial de 7,2 casos por 100 mil habitantes. Segundo o médico, muitos casos de suicídio são reportados como morte natural. Ele cita o caso de um homem de 58 anos que se atirou do décimo andar e morreu, no hospital, dois dias depois. Sua causa mortis foi registrada como insuficiência respiratória.

\*Dados registrados pelo Centro de Assistência Toxicológica do Hospital das Clínicas da Faculdade de Medicina da USP. \*\*Casos registrados até julho de 1997.

